



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10160 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

**ALFABETIZAR LETRANDO: TATEAMENTOS DE UMA PROFESSORA
CONSIDERADA BOA ALFABETIZADORA**

Maria Geiziane Bezerra Souza - UFPE/CAMPUS AGRESTE - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Alexsandro da Silva - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Agência e/ou Instituição Financiadora: FACEPE

**ALFABETIZAR LETRANDO: TATEAMENTOS DE UMA PROFESSORA
CONSIDERADA BOA ALFABETIZADORA**

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir sobre os tateamentos para alfabetizar letrando desenvolvidos por uma professora considerada boa alfabetizadora. Do ponto de vista teórico, apoiamo-nos em autores como Chartier (2000), Soares (2016), Sales (2012) e Tardif (2008). Participou do estudo uma professora do 2º ano do Ensino Fundamental que foi considerada bem-sucedida pela comunidade escolar. Quanto aos procedimentos metodológicos, utilizamos observação participante de aulas e entrevista de autoconfrontação com a alfabetizadora, sendo os dados gerados tratados a partir da análise de conteúdo (BARDIN, 2004). Os resultados evidenciaram que a professora tateava maneiras para alfabetizar letrando, isto é, buscava, em meio às urgências de seu cotidiano, dar conta da necessidade de apropriação do sistema de escrita alfabética por seus alunos, ao mesmo tempo em que tentava ampliar a participação deles no mundo do letramento, por meio da exploração de diferentes gêneros textuais. Notamos também que a alfabetizadora apresentava saberes-fazeres híbridos que foram sendo tecidos em diferentes contextos.

Palavras-chave: Saberes-fazeres. Tateamentos. Boa alfabetizadora. Alfabetizar letrando.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta parte dos resultados de uma pesquisa que teve como objetivo compreender os saberes-fazeres mobilizados em sala de aula por professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental cujas práticas de ensino da leitura e da escrita eram consideradas bem-sucedidas. Discutiremos aqui acerca dos saberes-fazeres mobilizados por uma das alfabetizadoras, mais especificamente sobre os tateamentos (CHARTIER, 2000) empreendidos por ela para encontrar maneiras de alfabetizar letrando, particularmente aqueles voltados ao ensino do sistema de escrita alfabética (SEA).

Em contextos em que o foco das pesquisas tem incidido sobre aspectos negativos das práticas dos professores, atribuindo-lhes, muitas vezes, a culpa pelas dificuldades apresentadas pelos alunos no processo de alfabetização, consideramos necessário que nossas investigações analisem práticas consideradas bem-sucedidas, a fim de contribuir com a reflexão sobre possíveis alternativas para o enfrentamento do desafio de alfabetizar e de letrar as crianças desde os primeiros anos de escolarização.

Neste trabalho, compreendemos que “o saber docente é aquele que efetivamente se mobiliza no âmbito do processo educativo, na dinâmica da prática docente, e é esse saber que vai definir, numa relação dialética com fazeres dos professores, as ações, as práticas desse contexto” (SALES, 2012, p. 54). Assim, saberes e fazeres estão de tal forma articulados nas práticas de ensino dos professores que não podemos tratá-los de forma separada, pois eles estão em íntima relação com o que esses sujeitos fazem, pensam ou dizem (TARDIF, 2008).

Nessa perspectiva, quando utilizamos a expressão saber-fazer, não estamos nos referindo à competência de saber-fazer, no sentido de “saber fazer algo ou alguma coisa”. Referimo-nos, na realidade, àquilo que os professores sabem e fazem, compreendendo que esses dois aspectos estão imbricados, constituindo os seus saberes-fazeres.

Desse modo, tendo em vista que os saberes-fazeres são historicamente mobilizados pelos professores, compreendemos que as mudanças em torno das concepções e das práticas de ensino da leitura e da escrita tensionam, (re)criam, transformam e ressignificam os saberes-fazeres mobilizados pelos alfabetizadores cotidianamente, imprimindo-lhes diferentes contornos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa que deu origem a este trabalho teve como campo de investigação escolas públicas municipais. Com vista à seleção dos participantes, elencamos três critérios, de acordo com os quais os professores deveriam: 1) serem considerados bem-sucedidos pelos diretores de escolas e de ensino, coordenadores pedagógicos, supervisores, orientadores do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) e pelos pares e pais dos discentes; 2) terem, pelo menos, cinco anos de atuação na docência; 3) estarem atuando em um dos três primeiros anos do Ensino Fundamental.

Para selecionar os participantes da pesquisa, aplicamos questionários com 92 indivíduos dos referidos grupos, com exceção dos pais de alunos (163), com os quais conversamos informalmente nas dependências das escolas. A partir desses procedimentos, obtivemos, ao todo, 255 indicações.

Com base nos critérios indicados anteriormente, selecionamos duas professoras^[1] atuantes, respectivamente, no 2º e no 3º ano do Ensino Fundamental, as quais foram as mais

indicadas como bem-sucedidas no ensino da leitura e da escrita. Entretanto, aqui, apresentaremos apenas parte dos resultados das análises das práticas de ensino da professora Gilvânia, do 2º ano, que obteve 20 indicações e atuava há 19 anos na docência, lecionando nos turnos da manhã e da tarde. Com relação à formação profissional, ela era graduada em Pedagogia e especialista em Metodologia do Ensino Superior.

Após selecionar os sujeitos da pesquisa, recorreremos, como procedimento metodológico, à observação participante e à entrevista de autoconfrontação (CLOT, 2010), para que pudéssemos identificar e analisar os saberes-fazeres que as docentes mobilizavam. Por fim, os dados obtidos por meio dos referidos procedimentos foram submetidos à análise do conteúdo (BARDIN, 2004).

ALFABETIZAR E LETRAR: ANÁLISE DOS TATEAMENTOS DE UMA PROFESSORA CONSIDERADA BOA ALFABETIZADORA

Mediante a análise das práticas da professora Gilvânia e de suas verbalizações na entrevista de autoconfrontação, percebemos, entre os saberes-fazeres que a alfabetizadora mobilizava, tateamentos de maneiras para alfabetizar letrando, os quais evidenciavam o reconhecimento de que a alfabetização tem suas especificidades.

Constatamos que a proposição de atividades voltadas à apropriação do sistema notacional foi recorrente no cotidiano dessa professora, aparecendo na grande maioria dos dias de aula observados (13/15). Era comum que a docente pedisse que os alunos escrevessem palavras na lousa – na correção coletiva das atividades – e, em outras situações, que refletissem sobre a escrita de palavras notadas no quadro por ela. Gilvânia também costumava propor atividades em que, após o estudo de um texto, as crianças deveriam: identificar palavras; separar e contar sílabas; comparar o número de letras e de sílabas; comparar palavras quanto ao tamanho; e associar palavras que rimam. Em algumas situações, esse trabalho era realizado após a exploração de gêneros textuais como poema e, em outras, a partir de textos usados para ensinar conteúdos de outros componentes curriculares. Assim, a recorrência dessas atividades mostra-nos que a alfabetizadora procurava desenvolver um ensino sistemático do SEA.

Gilvânia revelou que, além de considerar a necessidade de contemplar os gêneros textuais como objeto de ensino, parecia **reconhecer também que a alfabetização tem suas especificidades**, o que constituía um micro saber-fazer que integrava os tateamentos dessa professora para alfabetizar letrando. Quando apresentamos cenas correspondentes a momentos de aulas em que a docente demonstrava mobilizar esse saber-fazer e perguntamos onde ou como havia aprendido a trabalhar dessa forma, Gilvânia expôs:

Olha, dessa forma aqui, foi como eu disse, com a minha professora, que ela sempre ensinou assim. E com Dona Beta, que sempre orientava a gente no primeiro ano que a gente começou a trabalhar: “Olha, vocês façam assim, façam assim! E com o texto, foi com Marcilene [disse referindo-se à coordenadora do Projeto Alfabetizar com Sucesso], quando começou a trabalhar, quando foi implantado o Alfabetizar com Sucesso aqui. E também, lá em Jataúba, foi a Escola Rural Ativa. Então, eles traziam: “É para ensinar os alunos a serem alfabetizados por texto”. Não vou dizer que eu não aprendi. Eu aprendi. Mas, não creio que seja a melhor forma deles aprenderem, porque primeiro, pra eles aprenderem a ler os textos, eles têm que aprender a ler as palavras. Eu trabalho das duas formas. Eu tanto trabalho com texto, como trabalho palavra. Mas, o texto, eu coloco mais quando eles já estão conhecendo as sílabas, quando eles estão lendo palavras, porque ninguém venha me dizer - não entra na minha cabeça até hoje - que você chegue para um menino sem conhecer

o alfabeto, sem conhecer sílaba e eu dê um texto e ele vai aprender se ele não sabe o som! Não vai! Não lê! Não adianta ninguém dizer que lê, que eu não creio. Pode ser que alguém já tenha conseguido fazer isso, mas eu alfabetizar por um texto?!? Não. Eu começo dos dois modos, tanto dou o texto, como dou as palavras, pra identificar aquela palavra no texto, pra identificar quantas sílabas tem aquela palavra do texto. “Vamos tirar a palavrinha do texto para começar”, “Como é que começa?”, “Com tal letra”. Isso aí eu trabalho com texto. Agora dizer assim, que eu peguei e alfabetizei eles com texto?! Jogar um texto pra eles serem alfabetizados?! Não. Tá entendendo? A gente vem aprendendo muita coisa e a gente vai misturando, vai mesclando (PROFESSORA GILVÂNIA, 2017).

Tal depoimento, além de revelar que os saberes-fazeres por ela mobilizados foram construídos a partir de diferentes contextos (formação escolar inicial, cotidiano escolar de atuação e formações continuadas), revela também que Gilvânia parecia ter **consciência de que não basta o contato com textos para que o aluno se aproprie do SEA, sendo necessário refletir sobre os segmentos sonoros e escritos das palavras.**

Nesse sentido, a fala da professora revela, ao mesmo tempo que desmistifica, a concepção equivocada de que seria suficiente proporcionar o contato com diferentes gêneros textuais para que os alunos compreendessem as propriedades e o funcionamento do SEA. Assim, depreendemos que, quando a professora afirma: “Eu não creio que alfabetizar com texto eles aprendem”, ela não estaria desconsiderando a necessidade de alfabetizar letrando, de ensinar o SEA a partir dos gêneros de textos que circulam socialmente, pois percebemos que a alfabetizadora Tateava formas de realizar esse trabalho quando explorava os gêneros textuais para, em seguida, realizar um trabalho mais voltado à apropriação do sistema notacional.

Quando Gilvânia afirmou que utilizava mais o texto quando os alunos já estavam conhecendo as sílabas e lendo palavras, porque não acreditava que eles aprenderiam a ler textos sem conhecer os sons, essa alfabetizadora revelava **compreender que o domínio da relações letra-som é necessário para que os alunos aprendam a ler com autonomia.** Por outro lado, parecia reconhecer que a participação em situações de leitura e de produção de textos de diferentes gêneros não depende do domínio do SEA e de suas convenções.

Entretanto, a mobilização desse saber-fazer pela professora não nos pareceu um indicativo de que ela compreendia que a leitura se limitava à habilidade de “decodificação” ou que explorasse as sílabas de forma isolada, em uma perspectiva considerada tradicional. A alfabetizadora parecia compreender que, apesar de não ser a única, essa habilidade – converter letras em sons – era necessária para que os alunos aprendessem a ler.

Ademais, o depoimento de Gilvânia apresentado anteriormente demonstra que ela parecia ter **consciência de que, para a apropriação do SEA, é necessário refletir sobre os segmentos sonoros das palavras.** O mesmo pôde ser notado em suas práticas, quando, em algumas atividades, pedia, por exemplo que os alunos segmentassem e contassem as sílabas das palavras. A alfabetizadora afirma, ainda:

Eu gosto muito de trabalhar com jogos [...] É porque eu não lembro o nome... que vem naquela caixa “Trilhas[2]”, que vem as rimas, não sei se você já viu, os joguinhos de rimas [...] Trabalhei esse semestre também levando as palavrinhas com as figuras. E era feito um quebra-cabeça pra eles montarem as palavras (PROFESSORA, GILVÂNIA, 2017).

Assim, tal fala evidenciou que a professora **valorizava o trabalho com jogos que levassem os alunos a desenvolverem a consciência fonológica,** revelando, também, que, além daqueles que tinha acesso na escola, utilizava outros que ela mesma elaborava.

CONCLUSÃO

Percebemos que a professora tateava maneiras para alfabetizar letrando, ainda que tais tateamentos não evidenciassem saberes-fazer idealizados teoricamente. Em vez disso, representavam um esforço de aproximação do desafio de alfabetizar e letrar simultaneamente, considerando que, em meio às urgências de seu cotidiano, ela considerava a necessidade de apropriação do SEA por seus alunos, ao mesmo tempo em que tentava ampliar a participação deles no mundo do letramento por meio da exploração de diferentes gêneros textuais (SOARES, 2016).

Depreendemos, assim, que a alfabetizadora parecia querer desenvolver suas práticas de modo a ensinar o SEA tendo o texto como eixo articulador. Ao trabalhar com textos, Gilvânia realizava com frequência atividades que envolviam a segmentação e a contagem das letras e de sílabas das palavras, a identificação de palavras que rimam, entre outras. Nessa direção, ela parecia ter consciência de que não bastava o contato com textos para que o aluno se apropriasse do SEA, sendo necessário refletir sobre os segmentos sonoros e escritos das palavras.

Por fim, notamos que a professora apresentava saberes-fazer híbridos que foram sendo tecidos ao longo de toda sua trajetória pessoal e profissional, nos diversos contextos dos quais fez parte, a exemplo do contexto da formação escolar anterior, da formação continuada e do cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: 70. ed., 2004.

CHARTIER, Anne-Marie. Fazer ordinários da classe: uma aposta para a pesquisa e para a formação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 157-168, jul./dez. 2000.

CLOT, Yves. **Trabalho e poder de agir**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

SALES, Rebeca de Oliveira. **Saberes-fazer da prática docente universitária considerada exitosa a partir do olhar do estudante**. 2012, 156 f. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Pernambuco. Recife: O autor, 2012.

SOARES, Magda Becker. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2016.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

[1] Ambas as alfabetizadoras assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual declararam seu consentimento em participar da pesquisa, concordaram que os dados obtidos na investigação fossem utilizados para fins científicos e optaram pela utilização de seus verdadeiros nomes no trabalho.

[2] Kit de jogos que integra o projeto Trilhas, parceria do Ministério da Educação com o Instituto Natura e o Centro de Educação e Documentação para a Ação Comunitária (Cedac).